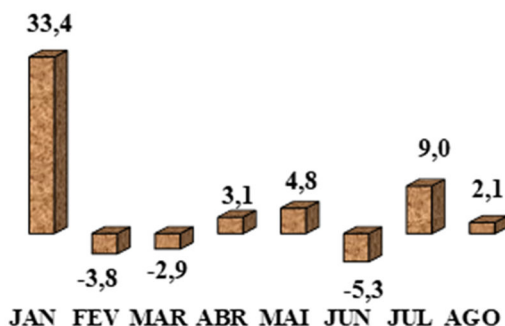


TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO DISTRIBUIDOR DE PRODUTOS QUÍMICOS E PETROQUÍMICOS

O mês de agosto

As vendas do atacado de produtos químicos e petroquímicos no mês em análise apresentaram ligeiro crescimento médio de 2,1% na comparação com o mês imediatamente anterior, enquanto as vendas medidas em reais na mesma base de comparação cresceram 1,2%. O desempenho individual das empresas consultadas mostrou variações diversificadas, com 40% das respostas apontando crescimento, e a parcela restante declarando estabilidade ou decréscimo nas vendas do mês. Em algumas respostas recebidas foi constatada oferta excedendo a demanda, com pressão descendente de preços, enquanto outras empresas registraram crescimento por conta de reposição de estoques dos compradores, elevando as vendas mensais na comparação com o mês anterior.

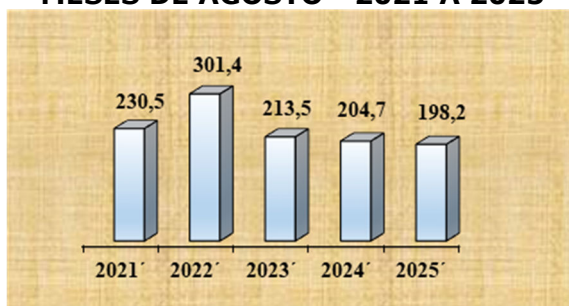
VARIAÇÃO MENSAL DAS VENDAS EM DÓLARES JANEIRO A AGOSTO DE 2025



A representação gráfica das variações mensais nas vendas até agosto mostra, com exceção da grande evolução do mês de janeiro resultados bastante tímidos com três deles apontando redução das vendas, sendo o maior ocorrido no mês de junho e o melhor desempenho mensal em julho do ano em curso. Olhando tais variações é possível concluir que as vendas de agosto, apresentando variação de 2,1% podem ser consideradas razoáveis diante da base elevada do mês anterior.

A apresentação dos índices de vendas em dólares dos meses decorridos até agosto de anos anteriores ao atual, permite comparação do estado real comparativamente a índices alcançados no mesmo período de anos passados.

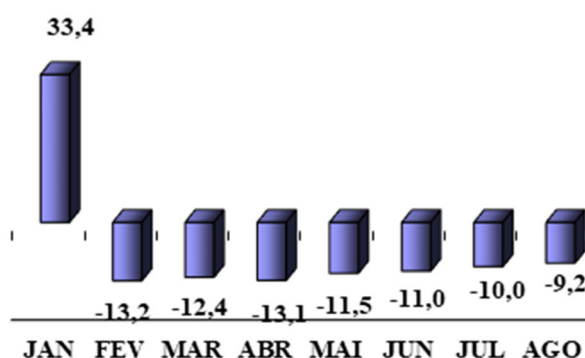
ÍNDICES DAS VENDAS EM DÓLARES MESES DE AGOSTO - 2021 A 2025



Após o índice de agosto de 2022 ter apresentado a maior evolução em relação a igual mês do ano anterior, com crescimento de 30,7%, nos anos posteriores o mês de agosto registrou oscilações de 29,2% em 2023, determinando outro patamar de venda a partir deste ano, com reduções de 4,1% em agosto do ano seguinte (2024) e de 3,1% em 2025, com os três últimos índices da série inferiores ao alcançado em 2021, quando as vendas em dólares de agosto alcançaram índice de 230,5.

Finalizado o mês de agosto, é útil apresentar o resultado do acumulado das vendas em dólares até o mês analisado, comparativamente a iguais períodos do ano passado.

VENDAS EM DÓLARES ACUMULADAS VARIAÇÃO % JANEIRO-AGOSTO



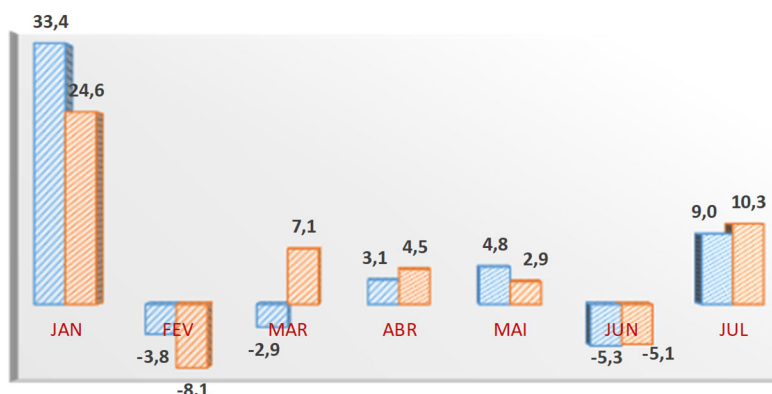
Com a adição sucessiva dos meses decorridos do ano de 2025 as variações nas comparações com iguais períodos do ano passado se mantêm com sinais negativos. O maior deles observado com as vendas até o mês de abril, para pequenas melhorias até os 9,2% de desvantagem em relação ao período do ano anterior, base da comparação.

Condições operacionais

Iniciando pela relação existente entre a variação das vendas em dólares e das quantidades vendidas em toneladas, apresenta-se a seguir a tabela ilustrativa dos meses decorridos no ano até julho, obedecendo a captação defasada em 30 dias para o recebimento dos dados das empresas filiadas ao PRODIR, tendo como base 100 o mês de dezembro de 2024.

VARIAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
VENDAS US\$	33,54	-3,8	-2,9	3,1	4,8	-5,3	9,0
TONELADAS	24,6	-8,1	7,1	4,5	2,9	-5,1	10,3

VARIAÇÕES VENDAS EM US\$ X TON



Os preços médios em dólares mostraram queda de 2,7% na média das informações recebidas, enquanto os estoques foram mantidos em patamar suficiente para 66 dias de vendas. Os títulos a receber em atraso superior a um dia na carteira das empresas participantes se aproximaram de 2,0% não tendo ocorrido modificação sensível no nível das informações costumeiramente fornecidas.

As quantidades vendidas no mês de agosto de itens nacionais pelas empresas consultadas para o boletim de Tendências registraram no mês variação de 4,6%, com inversão de sinais para os importados que mostraram redução de 2,8%.

Quanto a possível influência das tarifas adotadas pelos Estados Unidos nas atividades do setor distribuidor não foi relatada consequência imediata nas operações, esperando-se maiores dificuldades e necessidades de busca de novos compradores para os exportadores nacionais.

Em resposta ao questionamento com base nas informações de uma possível desaceleração da economia no terceiro trimestre do ano e com eventual influência nos negócios do setor distribuidor, as respostas recebidas apontaram a existência de um ritmo mais fraco de operações, com o mercado calmo e sem proporcionar grandes esperanças de modificações nos próximos meses.

Tal situação exigiu do setor maior agressividade em vendas, como forma de cumprir os objetivos traçados, muito embora para algumas empresas foi necessária a revisão e correção no planejamento dos próximos meses.

A queda da demanda observada pelo setor industrial na compra de insumos e matérias primas comercializadas pelo setor distribuidor, foi confirmada pelas respostas, a partir de vários fatores atuando em conjunto.

Como determinantes da redução se somam a queda no consumo das famílias no terceiro trimestre do ano, os efeitos das tarifas internacionais vigentes nas atividades, reduzindo a quantidade de exportações de determinados setores exportadores, bem como a manutenção da taxa básica de juros mantida no patamar desencorajador de 15% ao ano. O atual estágio da Selic se constitui em forte fator de desestímulo, tanto para os que pretendem adquirir bens financiados, quanto para os investidores em atividades produtivas. Praticamente todas as empresas consultadas confirmaram as apreensões a respeito dos próximos meses.

Como pano de fundo da situação atual foi colocada questão buscando a opinião das empresas a respeito do posicionamento do governo a respeito do aumento das tarifas praticado pelo governo americano. As manifestações a respeito, com base nas respostas recebidas e referentes à questão proposta, mostraram que 70% das indicações não são concordes com o atual posicionamento de confronto de nosso governo, apesar do entendimento dos 30% restantes, a justificarem a posição, utilizando o argumento de defesa da soberania nacional, posição adotada nas manifestações oficiais.

Expectativas futuras

No curtíssimo prazo as expectativas para as vendas em dólares do mês de setembro apontam para pequeno crescimento de 1,5% comparativamente ao desempenho de agosto, mantendo a visão do mercado traçada pelas manifestações anteriores das empresas, relatando a lentidão das operações do mercado, com excesso de oferta, tendência de queda nos preços e índice de confiança em diminuição relativamente ao futuro imediato.

Existem alguns indícios de que as taxas de juros, hoje situadas no incômodo patamar para as operações do mercado poderão apresentar possíveis quedas em futuro próximo, até porque os índices inflacionários têm se mostrado bastante comportados como resposta à política monetária.

É possível que os cortes programados para o início do próximo ano possam ser antecipados para o final deste, dependendo evidentemente da análise do Banco Central e do comportamento da economia que apresentou no trimestre em curso desaceleração acentuada.

Indicadores do IBGE apontaram resultados bastante tímidos para o mês de julho, com queda de 0,2% na indústria, redução de 0,3% no comércio varejista e de pequeno aumento de 0,3% nos serviços, apontando uma desaceleração nestes setores da atividade. Tais indicadores mostram também variações maiores que a do mês de julho ao se considerar o desempenho no decorrer do ano, quando a indústria acumula crescimento de 1,1%, o comércio com elevação de 1,7% e os serviços também com aumento alcançando 2,6% no período.

Por outro lado, as tarifas impostas pelo governo americano para as importações de produtos brasileiros provocaram ações no sentido de equilibrar a situação, a partir do programa de ajuda aos setores atingidos, com a situação delicada das contas públicas, a exigir atenção especial para a projeção do crescimento futuro.

Esta é a situação atual da economia, adicionando-se ainda a atual política de gastos adotada pelo governo no sentido de beneficiar as classes de menor renda, a exigir recursos direcionados para os vários programas criados ou em estudo, exigindo a compatibilização das despesas com as receitas de uma economia com sinais claros de desaceleração.

Leonel Tinoco Netto é consultor econômico da ASSOCIQUIM/SINCOQUIM, professor de economia, diretor da Assec Assessoria e Estudos Econômicos e ex-conselheiro do Conselho Regional de Economia de São Paulo.